ISSN: 1984-8781 - Anais XVIII ENANPUR 2019. Código verificador: **IRCyKOpUMi5Z** verificar autenticidade em: http://anpur.org.br/xviiienanpur/anais

GRANDES UNIVERSIDADES ESTRANGEIRAS NO CAMPO DO URBANISMO NO BRASIL: Universidades “por Projetos” e Governança do Território

Autores:
Leandro de Sousa Cruz - PPGFAU-UnB; FAUFBA - leandro.s.cruz@hotmail.com

Resumo:

O debate que se propõe realizar está centrado na produção contemporânea do Urbanismo no Brasil, mais especificamente, em situações onde universidades estrangeiras se constituem como um dos seus agentes, em parceria com instituições brasileiras, realizando atividades de pesquisa aplicada, ensino, projeto, oficinas ou consultoria. A apresentação de casos que envolvem grandes universidades estrangeiras – Harvard University, Columbia University e University College London – apontam para a necessidade de se problematizar a própria natureza das colaborações transnacionais e os efeitos sobre o território destas atividades. Entende-se que a atuação destas grandes universidades é orientada pela lógica de justificação da “Cidade por Projetos”, como definida por Luc Boltanski e Ève Chiapello em "O Novo Espírito do Capitalismo"; e reflete-se, ainda, sobre como estes projetos acabam por se constituir como dispositivos de governança do território, em função dos interesses das empresas financiadoras, do Estado ou de agências internacionais.

GRANDES UNIVERSIDADES ESTRANGEIRAS NO CAMPO DO URBANISMO NO BRASIL:

Universidades "por Projetos" e Governança do Território

INTRODUÇÃO

> What can one do today, if one has a genuine desire to further the internationalization of intellectual life? People often have a tendency to think that intellectual life is spontaneously international. Nothing could be further from the truth. Intellectual life, like all other social spaces, is a home to nationalism and imperialism, and intellectuals, like everyone else, constantly peddle prejudices, stereotypes, received ideas, and hastily simplistic representations which are fuelled by the chance happenings of everyday life, like misunderstandings, general incomprehension, and wounded pride (such as might be felt at being unknown in a foreign country). […] (BOURDIEU, 1999, p. 220)

O debate que se propõe realizar neste artigo está centrado na produção contemporânea do Urbanismo no Brasil, centrado em situações em que universidades estrangeiras se constituem como um dos seus agentes, atuando em colaboração com instituições brasileiras na realização de atividades que envolvem pesquisa aplicada, ensino, projeto, oficinas ou consultoria. A natureza das colaborações, assim como das instituições envolvidas, é bastante diversa, compreendendo universidades de diferentes portes, poder público, ONGs, coletivos e associações comunitárias, agências de governo e investidores privados. A presença das universidades, neste recorte assume lugar central no debate, algo que, acredita-se, permite entender melhor as particularidades destas experiências e as contribuições que podem ser aventadas a partir delas.

São apresentados projetos realizados por três grandes universidades estrangeiras que se mostraram relevantes pelas seguintes razões: no caso das ações da GSD (Harvard Graduate School of Design), pelo alcance na escala continental na compreensão e projeto do território latino-americano; no caso das ações da GSAPP (Columbia University Graduate School of Architecture, Planning, and Preservation) em São Paulo e no Rio de Janeiro, pela atuação junto ao Estado e pela visibilidade obtida nos debates arquitetônico e urbanístico; e no caso das atividades da The Bartlett DPU (Development Planning Unit, da University College London) junto à Faculdade de Arquitetura da UFBA (Universidade Federal da Bahia), por ser uma experiência em que se incluem, necessariamente, como agentes diretos das atividades,

representantes dos movimentos sociais.

Entende-se que as grandes universidades estrangeiras estão em competição em um agressivo mercado global de educação superior, orientadas pela lógica de justificação da "Cidade por Projetos", expressão cunhada por Luc Boltanski e Ève Chiapello (2009). Cada atividade de colaboração se constitui como um *projeto*, ou seja, uma oportunidade de estabelecer vínculos que levam a *novos projetos*, num movimento em que os agentes circulam por instituições e lugares de forma intensa, sem necessariamente estabelecer-se uma construção estável nem duradoura. No plano de suas administrações gerais, ainda sem considerar as particularidades de cada departamento responsável pelos estudos de caso apresentados, as universidades disputam por posição privilegiada em ranqueamentos, por financiamentos vultosos de empresas, corporações ou de fundos internacionais e pela capacidade de atrair cada vez mais estudantes e profissionais interessados em se engajar numa atuação, supostamente, global.

Os projetos de colaboração transnacional são necessários na medida em que permitem manter posições numa rede dinâmica, em diferentes escalas, dos agentes envolvidos: das universidades nos ranqueamentos internacionais; de cada unidade ou departamento na estrutura geral da sua universidade; e dos professores e pesquisadores nas instituições onde trabalham (não raro em condições precárias do ponto de vista da segurança do vínculo empregatício). Ainda, no que tange especialmente aos campos do Urbanismo e do Planejamento, estes projetos também permitem construir um mercado de consultorias e de projetos que responde pela empregabilidade dos quadros de ex-alunos e profissionais envolvidos nas colaborações.

No quadro político e econômico dos últimos dez anos, o Brasil se encontrava em destaque, considerando-se a relativa estabilidade de sua economia frente a uma crise gerada pelo descontrole do mercado financeiro. Departamentos de Arquitetura, Urbanismo e Planejamento de grandes universidades estrangeiras, estabelecidas não apenas em seus países de origem, mas também como fortes competidoras pelo mercado de educação superior em escala global, voltaram seus interesses para as muitas ações em andamento no país, bem como para a possibilidade de encontrar os recursos humanos e financeiros que lhes permitissem avançar nas discussões sobre a urbanização de áreas precárias, ou mesmo para estabelecer a rede de contatos e divulgar seus métodos de leitura e produção do espaço e do território.

A reflexão de Pierre Bourdieu, na epígrafe desta seção, alerta para a desnaturalização do domínio internacional da vida intelectual e convida a refletir sobre as implicações da propagada internacionalização das universidades em sua expressão mais recente. Não se desconfia, aqui, de certa natureza intrinsecamente "internacional" das universidades desde sua origem, nem será o caso de reconstruir este histórico. Interessa, antes, reconhecer que as universidades, antes entendidas como um bem público e orientadas com perspectiva social e *ethos* científico[1] (MERTON, 1973), passam a ser vistas, desde o final do século XX, como "um

[1] Refere-se aqui à definição clássica do Robert Merton sobre os quatro imperativos do *ethos* científico – universalismo, "comunismo", desinteresse e ceticismo organizado (MERTON, 1973, p. 270-278) – ciente, no entanto, das críticas e

vasto campo de valorização do capitalismo educacional" (SANTOS, 2010, p. 21).

Na primeira seção deste artigo, mais extensa, discorre-se sobre a Formação da Cidade por Projetos, de acordo com a obra de Luc Boltanski e Ève Chiapello, em que também se apresentam os projetos de colaboração das universidades estrangeiras em questão. Em seguida, discute-se a instrumentalidade destes mesmos projetos num processo mais amplo de governança dos territórios por parte de grandes corporações, do Estado e das agências internacionais. Finalizando o artigo, seguem considerações que problematizam o papel dos profissionais envolvidos e os impasses da crítica frente a esta produção.

UNIVERSIDADES "POR PROJETOS"

Com "O Novo Espírito do Capitalismo", Luc Boltanski e Ève Chiapello procuram responder por que motivos, desde os anos 1970, o capitalismo não apenas se regenerou e fortaleceu, como também a crítica, de modo geral, enfraqueceu e as desigualdades aumentaram. Partindo do marco teórico dado por Max Weber e atualizado por Albert Hirschman, vão entender o espírito como "o conjunto de crenças associadas à ordem capitalista que contribuem para justificar e sustentar essa ordem, legitimando os modos de ação e as disposições coerentes com ela" (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 42). O livro, monumental em sua dimensão e na quantidade e densidade dos conceitos criados, parte de uma consideração elementar: o capitalismo não mudou radicalmente em sua natureza, posto que continua como fonte de quatro ordens de indignação: de desencanto e de inautenticidade; de opressão; de miséria e de desigualdades; e de oportunismo e egoísmo.

Os processos de manutenção e transformação do capitalismo se dão em ciclos, acompanhados e mobilizados por situações que envolvem as relações de força dos agentes sociais, e serão tanto mais intensos quanto mais girarem em torno de polêmicas geradas por fontes de indignação. Em determinados contextos sociais é possível considerar que as relações de força estão "mais ou menos neutralizadas", constituindo-se assim como um ponto de apoio normativo (BOLTANSKI et al, 2014, p. 221), uma lógica de justificação que modela a orientação geral da sociedade para um bem comum – as "cidades" (*cités*). Enquanto modelos, correspondem aos "tipos ideais" de Weber, estão em número limitado dentro da genealogia do capitalismo e são possíveis em situações tidas como "relativamente estáveis".

Em "De la justification", Boltanski e Thévenot (1991) já haviam identificado seis "cidades", às quais se acrescenta a *Cidade por Projetos* de "O Novo Espírito do Capitalismo", sendo esta última a melhor representação das formas de construção ideológica que impelem ao engajamento no capitalismo contemporâneo. Adotando como *corpora* de pesquisa os textos de gestão empresarial dos anos 1960 e 1990, Boltanski e Chiapello destacam que os temas da concorrência e da mudança – intensificado pela rapidez das tecnologias – configuram traço marcante deste último período, levando ao conselho generalizado para que as empresas assumam uma tendência à adaptação, à mudança e à flexibilidade. A caracterização da "empresa enxuta" ilustra bem essa condição: perdem-se muitos escalões

disputas sobre a Sociologia da Ciência, desde Bourdieu, que "procura a comunidade científica e descobre o mercado" (HOCHMAN, 1994; BOURDIEU, 1975; 1983) a algumas das polêmicas mais recentes lançadas por Bruno Latour.

hierárquicos, terceirizam-se atividades que passam a ser assumidas por ex-assalariados, investe-se em colaborações com outras empresas. Os indivíduos são vistos como seres "autogeridos e criativos", mostram uma disposição ao trabalho que ganha sentido na visão que é dada pelos líderes, que os leva ao engajamento e à busca também incessante por vincular-se a *novos projetos*.

Os autores discorrem longamente sobre a generalização das representações em rede[2], instrumental para entender o funcionamento dessa nova ordem de justificação. Os progressos dos dispositivos técnicos de comunicação e transporte concorrem para a consolidação, no imaginário coletivo, das redes enquanto novo paradigma para a gestão empresarial e, conseguintemente, para a gestão da própria vida. Isto traz, como efeito principal, não somente visibilidade como também materialidade a "[...] um fenômeno que, em si mesmo, não é novo: a maneira como os elos e as injunções derivadas do fato de se pertencer a um território (inclusive os territórios nacionais) sofrem a concorrência dos elos estabelecidos à distância. [...]" (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 176).

Assim, entende-se que as atividades de colaboração de três grandes universidades estrangeiras – Harvard, Columbia e University College London – em solo brasileiro, no campo do Urbanismo, são parte de uma estrutura maior, em rede, inseridas em um plano de ação de internacionalização de suas respectivas instituições. Dentro desta lógica, cada uma destas atividades se justifica como a possibilidade de se formar novos pontos de conexão, assim como o longo prazo de cada uma das ações não é levado em conta e não se tem uma reflexão sobre os impactos das atividades sobre a vida prática dos moradores e outros usuários dos territórios envolvidos. O impacto mais relevante, na verdade, é a construção de novos vínculos.

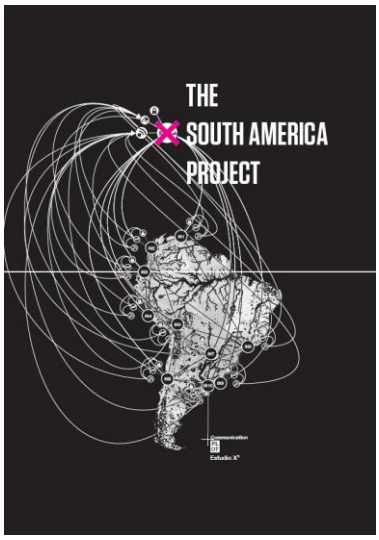
> [...] O *projeto* é a oportunidade e o pretexto para a conexão. Ele reúne temporariamente pessoas muito diferentes e apresenta-se como um *segmento de rede fortemente ativado* durante um período relativamente curto, mas que permite criar laços mais duradouros, que permanecerão adormecidos, mas sempre disponíveis. [...] [É] um *bolsão de acumulação* temporário que, sendo criador de valor, dá fundamento à exigência de ampliar a rede, favorecendo conexões. (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 135, grifos dos autores)

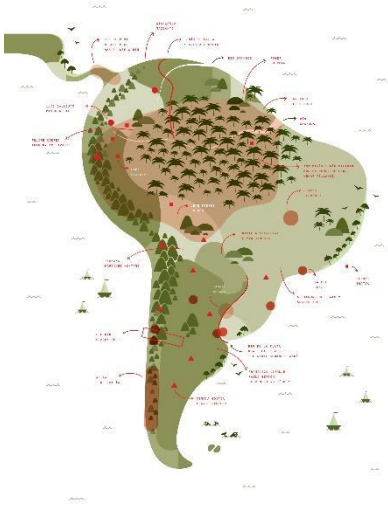
Dentre as colaborações recentes entre Harvard University e o continente sul-americano, destacam-se, no campo do Urbanismo, dois grandes projetos realizadas pela Graduate School of Design (GSD): o *South America Project* (SAP), coordenado por Felipe Correa e Ana María Durán, com intensa atividade entre 2011-2014, e o programa *Landscape as Urbanism in the Americas* (LaUAs), iniciado em 2016, com coordenação geral de Charles Waldheim. Ambos os projetos se estruturam em rede, cujas atividades principais estão ligadas

[2] Curiosamente, o livro "A Sociedade em Rede" – primeiro volume da trilogia "A Era da Informação" – do sociólogo Manuel Castells é mencionado apenas uma vez por Boltanski e Chiapello, em uma nota, como exemplo dos inúmeros estudos sobre o fenômeno da rede para explicar a sociedade contemporânea (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 570 n1).

à pesquisa aplicada em projeto, mas a natureza conexionista destes programas não apenas permite como estimula que se passe por alterações ao longo de seu desenvolvimento, o que leva – a depender da oportunidade que se apresenta – a incorporar novos elementos de pesquisa, projetos e fontes de financiamento.

Em *The South America Project*, o mote inicial estava em apresentar propostas alternativas para o grande plano de Integração da Infraestrutura Regional Sul-americana (IIRSA)[3] e estudar o que Felipe Correa define como "urbanismo de extração". Uma síntese do conjunto de pesquisas desenvolvidas pelo SAP pode ser apreciada na publicação posterior de Felipe Correa (2016) – um volume com um notável levantamento sobre extração de recursos, infraestrutura e ações sobre o território sul-americano. A rede era definida como uma "pesquisa aplicada transcontinental", composta por membros vinculados a Harvard, outras universidades americanas e instituições de países sul-americanos – no Brasil, participaram como membros efetivos professores da FAU-USP e da PUC-Rio (Figuras 1 a 3).





Figuras 1 a 3 : (1) Diagrama do South America Project; (2) Atividades ligadas ao IIRSA; (3) Diagrama com partilha das atividades e seus responsáveis, dentro do projeto The Petropolis of Tomorrow, publicado na revista argentina Plot. Fontes: (1-2) South America Project. Disponível em: <http://www.sap-network.org>. Acesso em: 18 fev. 2018; (3) The Petropolis of Tomorrow. Disponível em: <http://www.petropia.org/tag/plot/>. Acesso em: 15 fev. 2018.

As linhas de investigação propostas pelo SAP cobriam os grandes temas: (a) Integração de Infraestrutura na América do Sul; (b) Urbanismo de Extração de Recursos; (c) Histórias da Paisagem Construída Sul-Americana; e (d) Precedentes do Planejamento Continental[4]. A lógica da *Cidades por Projeto* parece bem ajustada às rotinas de ensino e pesquisa das grandes universidades, sobretudo quando se trata de suas ações em solo estrangeiro. Os principais apoiadores institucionais e financeiros do SAP, sobretudo para suas primeiras ações, foram o Department of Urban Planning and Design da GSD, o centro David Rockefeller Center for Latin

[3] A IIRSA (Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana) é um grande programa transnacional, iniciado no começo dos anos 2000, com vistas a elaborar projetos de infraestrutura que visam a estreitar as relações comerciais entre os países signatários e ampliar a participação no comércio internacional.

[4] A partir do endereço eletrônico que documenta a pesquisa: *SAP - The South America Project*. Disponível em: <http://www.sap-network.org>. Acesso em 28 mar. 2018.

American Studies (DRCLAS) e a Loeb Fellowship. A lógica de *Cidade por Projetos* leva a atribuir a um grande projeto – a exemplo do SAP – a prerrogativa para constituir ou engajar-se em outros projetos, o que mantém em atividade os pesquisadores e as pesquisas, assim como leva a construção de novos vínculos dentro da rede.

Assim, outros apoiadores foram se constituindo ao longo da duração do SAP. Este foi o caso do projeto *The Petropolis of Tomorrow*, ao qual a equipe da SAP se integra, ainda que este tenha sido criado no âmbito da Rice University's School of Architecture, com financiamento da Shell Company, e também incluísse departamentos de outras universidades nos Estados Unidos – California College of the Art's Urban Works Agency, Cornell University's Department of Architecture – e a PUC-Rio como colaboradora local. Os objetivos do projeto *Petropolis*, bastante promissores, estão sintetizados na estratégia geral de repensar novos modelos para o projeto de arquitetura, urbanismo e infraestrutura em contextos de extração de recursos, com uma perspectiva - como não poderia deixar de ser - voltada para a sustentabilidade, expressa em termos de uma "simbiose sistêmica entre sistemas econômicos, políticos, ambientais e sociais" (BHATIA e CASPER, 2013)[5]. O fato de que este projeto em específico seja financiado em grande parte pela Companhia Shell[6], através de um centro criado na Rice University, merece a atenção para o poder das grandes empresas sobre o território e a instrumentalidade da universidade e de suas ações na manutenção deste poder. Como outro exemplo de derivação, considere-se o projeto *Surplus Housing*, coordenado por Correa, financiado em grande parte pela empresa do ramo imobiliário Landinvest, e que consta como parte do conjunto de atividades dentro do SAP, como disciplina do quadro da GSD e como atividade do escritório Sommatic Collaborative (fundado por Correa e Anthony Acciavatti). Um aprofundamento futuro sobre a natureza e os conteúdos desenvolvidos por projetos de pesquisa-aplicada como estes deverá considerar as fontes de recursos e os meios utilizados para se ter acesso às informações. Ademais, cabe também questionar em que medida estas atividades são dispositivos da "governança mundial", considerando que parte deste trabalho expõe dados e lançam agendas da ação sobre o território e a exploração de recursos naturais (CORREA, 2014; 2016).

A mesma lógica perpassa o programa *Landscape as Urbanism in the Americas* (LaUAs). Em primeiro plano, poderia ser resumido tão simplesmente como um conjunto de palestras e encontros para se debater "sobre o potencial de se tratar da paisagem como um meio de intervenção urbana nos contextos social, cultural, econômico e ecológico específicos das cidades latino-americanas". A instalação do programa se deu ao longo de 2016, com eventos em Cambridge e com intensa programação de atividades em Brasília, Cidade do México, Medelim e Santiago do Chile (eventos em Buenos Aires foram incluídos em 2018), girando em torno da conceituação e difusão do chamado *Landscape Urbanism*, que vem animando o

[5] Ver também a documentação do projeto *The Petropolis of Tomorrow* no endereço eletrônico da pesquisa. Disponível em: <http://www.petropia.org/info/>. Acesso em: 28 mar. 2018.

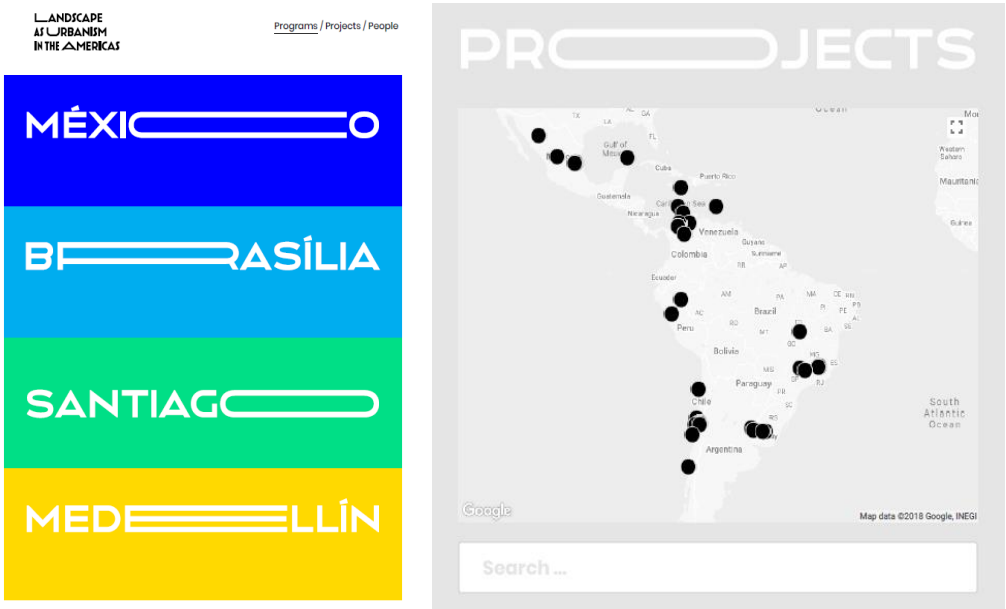
[6] Entre os financiadores constam ainda a AECOM (escritório multinacional de Engenharia que atua em projeto, consultoria, construção e gestão) e a Keppel Offshore & Marine (um dos braços da Keppel Corporation, responsável por construção de plataformas de petróleo). Outros apoios vinham do Kinder Institute for Urban Research (*think tank* vinculado à Rice University, que por sua vez é financiado pela empresa Hanover Company, do mercado imobiliário); InfraNet LAB e Open Workshop (ONG e escritório criados por Neeraj Bhatia, coordenador geral de *Petropolis*) e grupos de pesquisa e departamentos das universidades participantes, mencionadas no texto.

debate teórico e crítico do campo - sobretudo nos Estados Unidos.

Com relação às premissas do LaUAS, não é sem proselitismo que a equipe de Harvard GSD se volta para o público na América Latina. Abre-se o debate sobre o *Landscape as Urbanism* para esta grande faixa do continente considerando que, até então, a matéria se encontrava aqui apenas em uma condição emergente, enquanto na Europa, América do Norte e Ásia os discursos e práticas neste campo desenvolvem-se desde as últimas duas décadas. No endereço eletrônico do programa encontram-se fichas de estudo de grandes projetos na escala do território na América Latina (Figuras 4 e 5), que passaram a estar disponíveis no endereço eletrônico do projeto em 2017.

Textos de apresentação em matérias, no endereço eletrônico e nas falas dos seus interlocutores mais recorrentes sempre destacam uma possível integração entre a tradição urbanista de origem ibérica e as premências da condição urbana contemporânea na América Latina. Os objetivos da empreitada de integração não poderiam estar mais alinhados com a lógica da *Cidade por Projetos* e com a retórica das redes:

> [...] Aiming to establish a network that connects influential and innovative practices and institutions across the continent, Landscape as Urbanism in the Americas convenes a series of discussions on the potentials for landscape as a medium of urban intervention in the specific social, cultural, economic, and ecological contexts of Latin American cities. (LANDSCAPE AS URBANISM IN THE AMERICAS, 2016)



Figuras 4 e 5 : (4) Fundo do endereço eletrônico do Programa LaUAs e (5) Mapeamento dos Projetos levantados. Fonte: Landscape as Urbanism in the Americas. Disponível em: <http://landscapeasurbanismamericas.net>. Acesso em: 18 fev. 2018.

A Columbia GSAPP (Graduate School of Architecture, Planning, and Preservation)

também manteve presença expressiva nos campos do Urbanismo e do Planejamento no Brasil nos últimos dez anos. Destacam-se, aqui, duas grandes atividades: a parceria entre SLUM Lab (Sustainable Living Urban Model Lab) e a HABI-SEHAB (Superintendência de Habitação Popular da Secretaria de Habitação de São Paulo), entre 2010 e 2012; e, com mais ênfase, através as atividades realizadas no Studio-X Rio, centro cultural que funcionou entre 2011-2018 na Praça Tiradentes, no Rio de Janeiro.

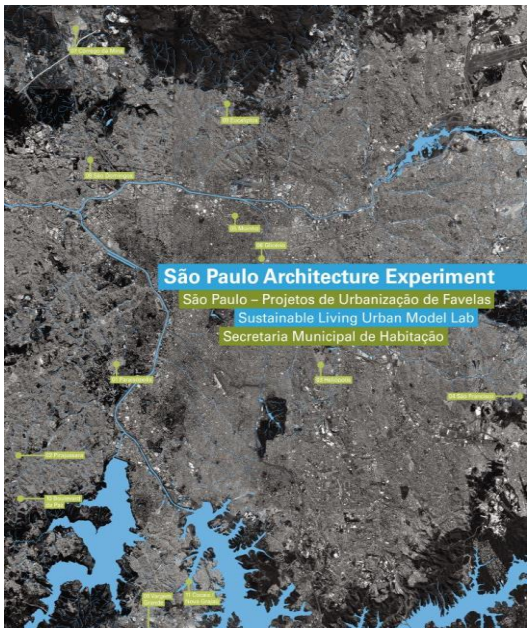
No período em que esteve na chefia da HABI, entre 2005-2012, Elisabete França coordenou, entre outras ações institucionais, a realização de parcerias entre a Prefeitura e um número expressivo de universidades estrangeiras, a exemplo de Harvard, Columbia, ETH-Zürich (Eidgenössische Technische Hochschule), MIT (Massachusetts Institute of Technology), UCLA (University of California, Los Angeles) e Berlage Institute (BRILLEMBOURG et al, 2010; FRANÇA, 2012). Para França, aquele era um momento em que já se tinha consolidado, no Brasil, um "pensamento urbanístico próprio", resultado do acúmulo de experiências pioneiras – como as desenvolvidas por Carlos Nelson nos anos 1970 – e de ações em grande escala como as dos programas *Favela-Bairro* e *Guarapiranga*, nos anos 1990. Desenvolve-se no país, segundo a autora, uma cultura de projeto que "reconhece as preexistências territoriais como resultado dos esforços coletivos realizados pelas famílias que constroem suas casas, e que também são atores da construção da cidade" (FRANÇA, 2012, p. 22; 24), o que insere as experiências no Brasil com protagonismo no debate internacional.

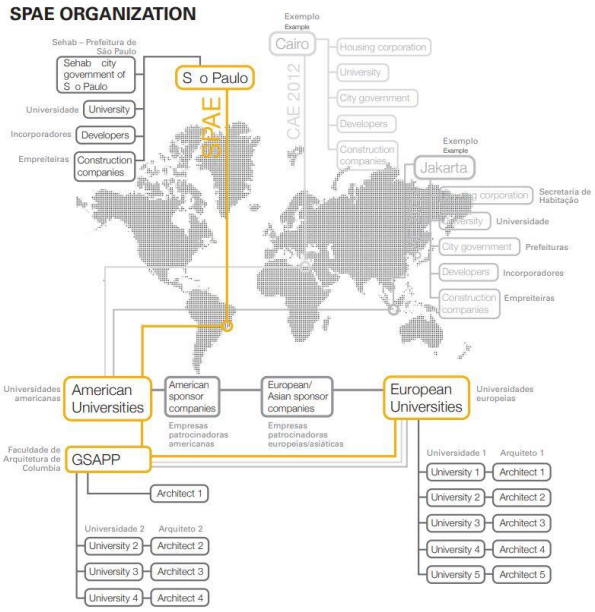
> Acreditamos que os projetos que estão sendo implantados representam uma nova fase da produção da arquitetura e do urbanismo locais, onde está expressa a capacidade dos profissionais de responder aos desafios da cidade das preexistências. São projetos que mostram a originalidade e a criatividade dos arquitetos que buscam a mudança dos espaços existentes, com resultados reconhecidos por todos: população beneficiada, instituições de ensino, bienais de arquitetura, entre outros. (FRANÇA, 2012, p. 28)

O volume de projetos desenvolvidos pela HABI no formato de oficinas com estudantes e profissionais (da própria Superintendência e das universidades envolvidas) é de grande vulto, assim como sua farta documentação e visibilidade alcançada através de publicações, exposições e artigos em periódicos especializados. Interessa debruçar-se sobre uma destas parcerias, que envolveu diretamente o SLUM Lab (criado na Columbia GSAPP e sediado, atualmente, no Departamento de Arquitetura da ETH-Zürich) pelo caráter exemplar de sua formulação inicial, como sendo o primeiro passo na construção de uma ampla rede global, envolvendo empresas internacionais e corporações, universidades brasileiras e estrangeiras, profissionais e associações de moradores. A conexão e a criação de oportunidades para novos projetos são apresentadas como meta deste grande projeto, denominado genericamente de "São Paulo Architecture Experiment" (SPAE) (Figuras 6 e 7):

> O SPAE propõe que os arquitetos evitem o papel convencional que vêm desempenhando nas hierarquias tradicionais e atuem como uma conexão viável entre as forças opostas de um planejamento de cima para baixo (*top-down*) e uma iniciativa de baixo para cima (*bottom-up*). Essa atuação deverá

> configurar e criar um terreno comum para essas duas forças, onde os arquitetos poderão eliminar divisões e habilitar as duas forças a atuar com uma interação poderosa e produtiva. [...] (BRILLEMBOURG e KLUMPNER, 2010b, p. 8, grifos dos autores)





Figuras 6 e 7: (6) Capa da publicação "São Paulo Architecture Experiment" (2010), síntese das atividades de parceria entre Columbia GSAPP e Secretaria de Habitação de São Paulo; (7) Diagrama da organização proposta para a rede SPAE. Fonte: (BRILLEMBOURG et al., 2010.)

Alfredo Brillembourg demonstra as propriedades do "líder", como descritos por Boltanski e Chiapello (2009) – aquele que inspira, promove conexões, cria condições para a empregabilidade dos outros indivíduos vinculados aos seus projetos. Foi também Brillembourg o responsável pelo contato que levou ao começo das negociações para a criação do Studio-X Rio, quando convida Pedro Rivera para uma palestra na extinta sede do Studio-X em Nova Iorque. Desta experiência, ainda em 2009, em que Rivera apresentou uma palestra sobre reciclagem de edifícios históricos no centro do Rio de Janeiro, veio o convite de Mark Wigley (idealizador e coordenador geral da rede Studio-X) para montar uma sede no Rio de Janeiro.

As sedes do Studio-X funcionam como um misto de centro cultural, *think tank* e, eventualmente, ateliê para oficinas de projetos, organizados em uma rede vinculada à Columbia University. Tratamos, aqui, de um caso que partiu de uma iniciativa local, em Nova Iorque, coordenada por Mark Wigley e Gavin Browning (BROWNING, 2010), que passa a ser referência para as ações globais da GSAPP e, mais adiante, como estratégia de ação global da universidade como um todo.

O grande tema em questão nas atividades do Studio-X (não apenas em sua sede no Rio) poderia ser resumido como sendo o da *prática global* de Arquitetura e Urbanismo e o *trabalho em rede*. Isto é tanto mais evidente não apenas pela própria lógica de funcionamento e pelas premissas do Studio-X, como também porque esta era e continua sendo uma das preocupações de Mark Wigley, idealizador da rede global de *think tanks* (WIGLEY, 2001; 2007;

WIGLEY e CHEN, 2014). A rede chegou a contar com dez sedes, distribuídas em grandes cidades – Amã, Beijing, Istambul, Joanesburgo, Mumbai, Nova Iorque, Santiago do Chile, Tóquio, Rio de Janeiro e São Paulo. Atualmente, a página do endereço eletrônico oficial registra apenas seis dentre as dez mencionadas anteriormente, após o fechamento dos centros em Nova Iorque, Santiago do Chile, Tóquio e São Paulo. Destaque-se, no entanto, que o Studio-X Rio anunciou recentemente o fechamento de suas atividades (PEDROTTI, 2017).

Uma das premissas de cada sede do Studio-X está na obrigação de se consolidar como um centro de debates arquitetônicos na cidade em que se instala. Aos diretores locais cabem tarefas como organização geral, curadoria e promoção das atividades e buscar continuidade do apoio de patrocinadores locais, sem os quais não se garante a manutenção das sedes. Numa atuação que flerta entre as atividades de arquiteto e urbanista, curador, consultor e agitador cultural, podemos ver a figura de Pedro Rivera, nos anos em que conduziu a coordenação geral do Studio-X Rio, alinhando-se com as premissas da rede, que responde a uma premissa geral da rede.

A ênfase dada à participação ativa dos movimentos sociais é um elemento de interesse central neste último caso, que envolve a University College London. Trata-se das atividades realizadas no programa de intercâmbio desenvolvido entre o grupo de pesquisa Lugar Comum, do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUFBA, e o Master em Social Development Practice, da The Bartlett Development Planning Unit (DPU). Iniciado em 2016 e previsto para acontecer ao longo de quatro anos, este é o caso que pode ser mais bem circunscrito em termos de cooperação acadêmica entre instituições, no formato de intercâmbio. A cada ano realiza-se um ou dois encontros, onde equipes de professores e estudantes de ambas as instituições se encontram para desenvolverem, durante duas semanas[7], atividades de pesquisa-ação, documentadas em publicações com textos produzidos pelos professores, equipes de estudantes e/ ou membros dos coletivos participantes (Figuras 8 a 10).

A realização do intercâmbio se dá em um contexto de aprofundamento das atividades e reflexões que cada grupo desenvolve em suas localidades de origem. São parte de rotinas distintas em cada lado do Atlântico, por assim dizer, que se assemelham na natureza prática das atividades. O intercâmbio se iniciou com o objetivo geral de "[...] discutir, documentar e gerar ações de aprendizagem sobre práticas coletivas de reivindicação do direito à cidade em Salvador [...]" (FERNANDES, FIGUEIREDO e ESPINOZA, 2016, p. 7[8]) e estende-se para uma busca por "[...] construir iniciativas de aprendizagem ativa, focadas na compreensão e no apoio a lutas coletivas pelo direito à cidade em Salvador e em Londres. [...]" (FERNANDES et

[7] Nos dois primeiros anos ocorreu apenas um encontro anual, ocasiões em que a equipe da UCL realizou as atividades em Salvador, junto à equipe da UFBA. Em 2018 se realiza a primeira experiência de dois encontros anuais, nos dois sentidos do fluxo, o que inclui a visita de representantes de movimentos sociais de Salvador, professores e estudantes da UFBA a Londres, para a realização das atividades na capital britânica.

[8] Da "Introdução" ao primeiro relatório de atividades, texto escrito em coautoria por Ana Fernandes, Glória Cecília Figueiredo, José Carlos Huapaya Espinoza, Alexandre Apsan Frediani, Andrea Rigon, Ignacia Ossul Vermehren, Julian Walker e Tamlyn Monson.

al, 2018[9]).

Figuras 8 a 10: (8) Capa do panfleto de divulgação do Master em Social Development Practice; e (9 e 10): Capas dos relatórios produzidos nos dois primeiros anos do intercâmbio. Fontes: (8) The Bartlett-DPU Msc Social Development Practice; (9) (FERNANDES, FIGUEIREDO e ESPINOZA, 2016); (10) (FERNANDES et al, 2018).

Até o momento este se mostra como o estudo de caso que levanta uma pauta crítica de forma mais assertiva. O direito à cidade, que está na pauta principal deste projeto, é lido a partir da perspectiva crítica de Henri Lefebvre e complementada pelos desdobramentos teóricos mais recentes sobre o tema. Em linhas gerais, os principais envolvidos consideram a importância de marcos legais, reconhecendo também suas limitações e apoia-se, ainda, no reconhecimento das práticas dos moradores, não apenas em sua dimensão física, como também nas práticas de reivindicação política e de disputa institucional pelo direto à cidade (FERNANDES, FIGUEIREDO e ESPINOZA, 2016, p. 8).

GOVERNANÇA DO TERRITÓRIO

Boltanski e Chiapello assinalam, em "O Novo Espírito do Capitalismo", a emergência de novos profissionais, como os especialistas-consultores, que atuam como figuras importantes na rede da *Cidade por Projetos*. Dando acento ao processo de transformação do regime de justificação anterior para o atual, os autores apresentam como "novos consultores" aqueles representantes da "Geração '68 no poder", figuras formadas intelectualmente numa política de esquerda que, a partir de meados dos anos 1980, passaram a atuar mais próximos de cargos políticos e que "integraram à sua cultura, de modo notavelmente rápido, as reivindicações patronais, em especial os imperativos de flexibilidade" (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2007, p. 232). Peritos "na crítica foucaltiana ao poder", foram em grande medida responsáveis por inserir, na agenda de representações de governo e das empresas, a rejeição a todas as formas de autoritarismo e a exaltação dos potenciais de cada indivíduo e das

[9] Da "Introdução" ao segundo relatório de atividades, texto escrito em coautoria por Ana Fernandes, Gabriela Leandro Pereira, Glória Cecília Figueiredo, José Carlos Huapaya Espinoza, Alexandre Apsan Frediani, Ignacia Ossul Vermehren, Andrea Rigon e Julian Walker.

organizações autônomas. Com isto, reforçam a tese geral de que a crítica dos anos 1960-70 foi absorvida pelo "novo espírito" e teve papel relevante na renovação do capitalismo, ao ser incorporada ao novo regime de justificação – daí a nova persuasão a engajar-se no capitalismo, com vistas ao bem comum de toda a sociedade, agora que este se apresenta com uma expressão adaptável, flexível e focada nas relações pessoais.

Nos campos do Urbanismo e do Planejamento Urbano, aos anos 1990 corresponde o momento em que ganham fôlego as experiências de Planejamento Estratégico, iniciadas ainda por volta dos anos 1970 (ARANTES, VAINER e MARICATO, 2002; LIMA JUNIOR, 2003), nas quais dominam as figuras dos consultores ligados a grandes empresas que fazem o serviço terceirizado do planejamento, antes realizado quase exclusivamente pelo Estado. O *status* de empresas como a McInskey & Company ou a AECOM, nos dias atuais, e sua relação – ainda que indireta – com alguns dos estudos de caso, aponta para a importância de se buscar juntar estes domínios num mesmo debate. A aproximação entre o Planejamento Estratégico nos campos do Urbanismo e do Planejamento e o "novo espírito" teorizado por Boltanski e Chiapello já foi analisada, escrupulosamente, por Pedro Novais Lima Junior, em sua tese de Doutorado, e parece tanto mais válida quando o autor destaca que a pesquisa urbana também passa por um processo de internacionalização, levada a cabo por um conjunto de profissionais, em geral, formado nas grandes universidades:

> No presente, o campo do planejamento e da pesquisa urbana também se caracteriza por elevado grau de internacionalização, para a qual concorre a atuação, muitas vezes concertada, de um grande número de agentes (redes de pesquisadores e instituições, especialistas e expoentes, empresas de consultoria, etc.), o que constitui um desafio particular àquele que se propõe a tratar do debate teórico e das mudanças na prática: *como transformar os inúmeros dados da experiência sensível em objeto do conhecimento, sem interpor conceitos e visões de mundo particulares ao que busca conhecer?* (LIMA JUNIOR, 2003, p. 26, grifo do autor)

Entende-se que as grandes universidades estrangeiras também assumem papel decisivo neste campo. Parte-se da constatação de que elas já vêm formando desde os anos 1970, nos campos do Urbanismo e do Planejamento, um grupo de especialistas-consultores que atuam ativamente do planejamento e da produção mesma do espaço urbano em grandes metrópoles. Isto não apenas se mantém nos últimos anos como também se soma a uma nova dinâmica, em que as grandes universidades abrigam as figuras institucionais ou mesmo os espaços dedicados à realização desta modalidade de Planejamento.

As atividades de colaboração entre as grandes universidades estrangeiras junto ao poder público ou empresas e corporações do setor privado – os *projetos* em questão na *Cidade por Projetos* – são fonte de financiamento indispensável não apenas para a estabilidade financeira das universidades, como também para garantir sua posição na disputa pelos ranqueamentos. Ao menos este parece ser o caso mais evidente do Office for Urbanization (OFU), criado na Harvard GSD, que abriga um conjunto de atividades de "pesquisa aplicada" financiadas por grandes empresas e governos, incluindo-se aí o programa *Landscape as Urbanism in the Americas*. Numa declaração sobre a experiência junto ao governo das

Bahamas - o projeto *Sustainable Exuma* - o coordenador geral do projeto, Charles Waldheim, afirma:

> [...] This is in a way a kind of strategic planning. [...] Among other things, it produced a series of recommendations to the Bahamian government and a series of public fora, so a whole variety of community engagements communicating with different audiences, in some cases the traditional conference format or publication. In other contexts, it produced a series of broad page leaflets, and a series of installations in community centers, to communicate to populations that might not otherwise be consuming research products of the GSD. (WALDHEIM e INGALLS, 2016)

Em "O Novo Espírito do Capitalismo, Boltanski e Chiapello não chegar a gar grande atenção à chamada "governança" institucional, mas afirmam que a história da gestão empresarial consiste em uma "sofisticação permanente dos meios de dominar aquilo que ocorre na empresa e em seu ambiente" e consideram que, no regime atual, a governança corporativa está dirigida a controlar os altos dirigentes das empresas (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 109). No posfácio para a segunda edição francesa, em vista da intensificação da violência e do desenvolvimento das contradições do capitalismo nos últimos dez anos, reconhecem o excesso de otimismo com relação à capacidade do sistema de impor-se limites, quando da publicação original. Reconhecem que a crítica, no entanto, se recuperou neste período, tanto no campo intelectual quanto no das lutas sociais, e apontam para os objetos que merecem confrontação, a exemplo dos novos dispositivos de governança:

> [...] En effet, la critique, ou peut-être vaudrait-il mieux dire le désir de critique, est effectivement de retom, aussi bien dans le champ des luttes sociales que dans le champ intellectuel. Mais tout se passe comme si cette critique ne parvenait pas, actuellement, à avoir prise sur la réalité politique et sociale. Plutôt que d'imputer ces relatifs échecs à la critique elle-même, comme c'est souvent le cas (elle serait obsolète, ne présenterait pas d'alternatives claires, etc.), sans doute serait-il plus riche d'enseignement de prendre pour objet ce à quoi la critique doit faire face. C'est-à-dire les nouveaux dispositifs de gouvernance qui se sont mis en place, dans le monde des entreprises, de la finance, mais aussi dans l'État, au cours des dix dernières années, et les nouveaux repères sur lesquels ils prennent appui, sans doute venus, en nombre de cas, du monde universitaire, c'est-à-dire, outre le management, de l'économie, de la sociologie, des sciences de la communication, des sciences cognitives, etc. (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2011, p. 945)

Na lógica das empresas dentro do "novo espírito"– valendo tanto para entender a estrutura macro das universidades quanto na escala mais aproximada de seus departamentos e unidades – a busca por novos projetos é uma condição mesma de sobrevivência. Equipes grandes de apoio administrativo, juntos aos professores-pesquisadores-coordenadores, dedicam boa parte do seu tempo e *labor* à captação de recursos que garantem esta

governança interna. Independentemente do formato adotado para a realização das parcerias – *think tanks*, laboratórios, observatórios, convênios, oficinas e ateliês de projetos, atividades de levantamento e pesquisa – as atividades e sua estrutura de funcionamento operam como dispositivos de uma "governança mundial".

> [...] If there is a new spirit of financialized capitalism, associated with a particular toolbox, then it should be possible to explain the way in which its spirit guides both economic practices and public policy, as well as the activities of not-for-profit actors that are neither public nor private (NGOs, think tanks, promotional associations, initiatives, and so on) that have recently proliferated in areas where management and government mechanisms are constructed, sometimes referred to as 'civil society'. (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2017, p. XVI-XVII)

Os *dispositivos* são entendidos como pontos de apoio para as justificações do capitalismo. Boltanski e Chiapello os definem como "[...] conglomerados de objetos, regras, convenções (entre os quais o direito pode ser uma expressão de nível nacional) que, não se restringindo à busca do lucro, estejam orientadas para a justiça. [...]" (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 59)[10]. Entende-se que as atividades de internacionalização servem como esta referência normativa, na medida em que a disposição a engajar-se nessas empreitadas serve de prova que legitima e determina a grandeza de diferentes atores, em todas as escalas: desde as universidades, e no quanto elas investem para "marcar pontos" no mapa-múndi, até os indivíduos, e no quanto elas e eles estão dispostos a se engajar e a investir, mesmo no nível subjetivo, na vida intelectual em escala planetária, pelo bem comum do conhecimento e da sociedade. A definição que Boltanski e Chiapello dão dos dispositivos parece corresponder àquela formulada por Michel Foucault, pelo seu caráter heterogêneo e tão múltiplo que se confunde com a própria rede de elementos constituintes:

> Aquilo que procuro individualizar com este nome é, antes de tudo, um conjunto absolutamente heterogêneo que implica discursos, instituições, estruturas arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas; em resumo: tanto o dito como o não dito, eis os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se estabelece entre estes elementos [...]
>
> [...] com o termo dispositivo, compreendo uma espécie – por assim dizer – de formação que num certo momento histórico teve como função essencial responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função eminentemente estratégica [...] (FOUCAULT, [1977] apud AGAMBEN, 2009, p. 28)

No que se refere ao funcionamento das atividades da GSD, destaque-se o grande

[10] Sua definição, assim como no caso das *cités*, fora formulada ainda em "De la justification", publicado em 1991.

número de instituições envolvidas em cada uma delas (Figuras 11 e 12) e o fato de que o LaUAs está inserido na estrutura do Office for Urbanization (OFU) da GSD, um escritório sediado na universidade. Este último "desenvolve cenários urbanos especulativos e projetivos através de projetos de pesquisa em projeto financiados", com a perspectiva de "diminuir a distância entre a inovação em projeto e o impacto na sociedade"[11]. Integrado ao OFU, as ações do programa LaUAs, nos seminários em cidades latino-americanas, também se constituem, portanto, como oportunidade de captar recursos que cubram o financiamento das atividades das pesquisas aplicadas.

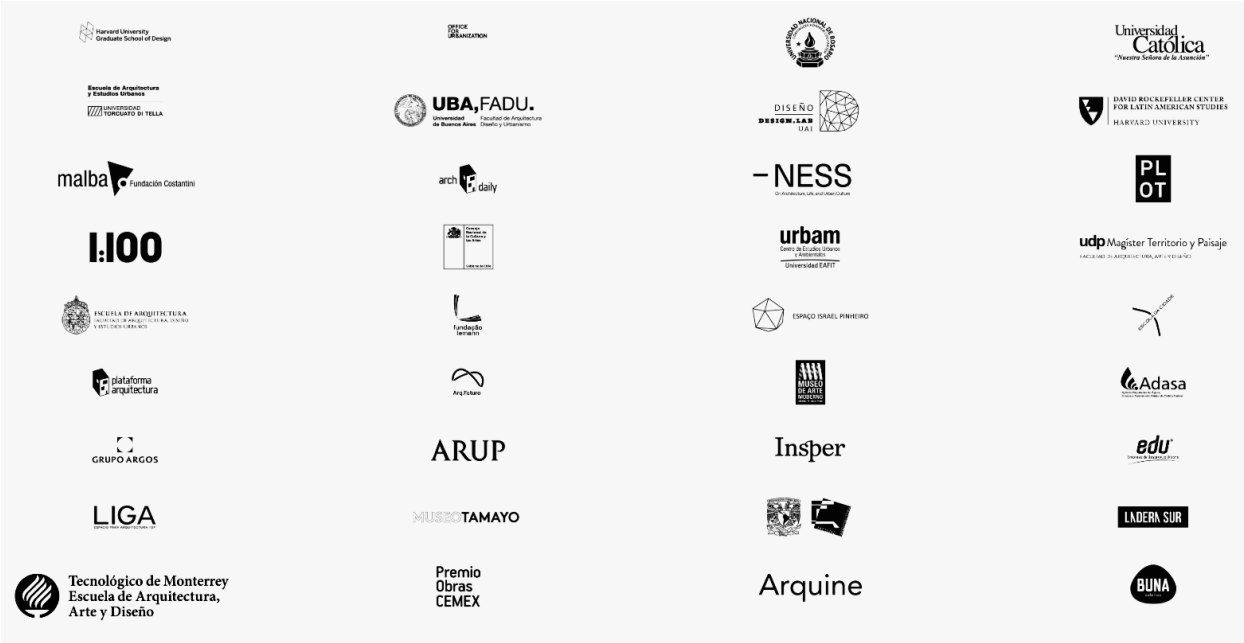


Figura 11: Quadro de financiadores e parceiros do programa Landscape as Urbanism in the Americas. Fonte: Landscape as Urbanism in the Americas. Disponível em: <http://landscapeasurbanismamericas.net>. Acesso em: 18 fev. 2018.

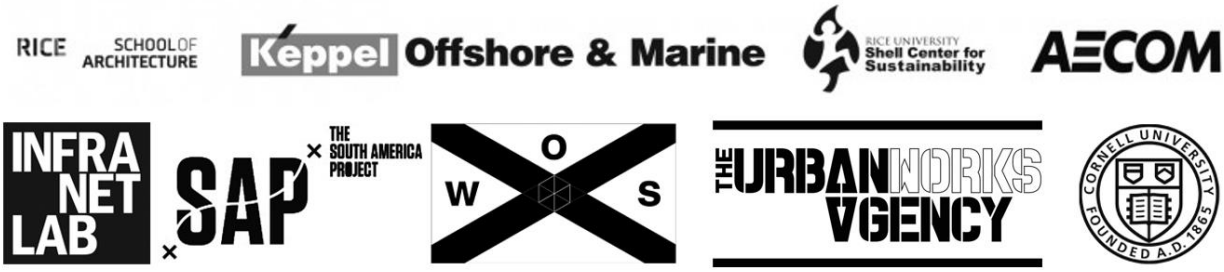


Figura 12: Quadro de financiadores e parceiros do projeto The Petropolis of Tomorrow. Fonte: The Petropolis of Tomorrow (modificado). Disponível em: <http://www.petropia.org/>. Acesso em: 18 fev. 2018.

Na ocasião da conferência do LaUAs em Brasília, em março de 2016, para além da realização do debate público, a equipe de professores e pesquisadores vinculados a Harvard buscou também firmar um acordo de cooperação entre a instituição e o Governo do Distrito Federal (GDF) para que se desenvolvesse, junto à Secretaria de Planejamento, um projeto

[11] Ver apresentação do Office for Urbanization em seu endereço eletrônico. Disponível em: <http://officeforurbanization.org>. Acesso em: 28 mar. 2018.

ligado ao grande tema *Data, Design and Decision*, mas, por falta de recursos do governo, a proposta não se efetivou. Vê-se aqui a dimensão da pesquisa-aplicada como parte de uma estratégia maior de captação de recursos, de construção de parcerias institucionais e financeiras, de ampliação da área de atuação de Harvard no globo (elemento-chave em um contexto de disputa no mercado do ensino superior) e a manutenção de uma estratégia já consolidada de estabelecer colaborações entre Harvard e o continente sul-americano (SILVETTI, 2011).

No caso do Studio-X Rio, as atividades desenvolvidas foram as mais distintas, predominando aquela que se engajam diretamente no mundo do eventos e exposições, mesas redondas e publicações; além de alguns ateliês de oficinas de projeto. Não deixam, no entanto, de estar fortemente vinculados a grandes empresas e órgãos públicos, sobretudo nos primeiros anos de funcionamento do Studio-X até a realização da Copa do Mundo (2014) e das Olimpíadas no Rio de Janeiro (2016), quando contaram com o apoio da Fundação Roberto Marinho e da EBX. A dimensão estratégica dos projetos como um dispositivo de governança, no entanto, não está menos presente – instrumental durante a preparação para os grandes eventos esportivos no Rio de Janeiro, o centro cultual foi fechado pouco tempo depois do grande espetáculo. Note-se, no entanto, que o mesmo Studio-X serviu eventualmente como o lugar de realização de discussões críticas sobre os rumos do planejamento urbano, inclusive para questionar suas práticas excludentes (Figuras 13 a 15).

Figuras 13 a 15: (13) Quadro de apoiadores do Studio-X Global Network, como registrado no endereço eletrônico da rede em 2013; (14) Capa do panfleto e destaque para quadro com patrocinador e realizadores do projeto Ciclo Rotas - Centro (2013); (15) Contracapa do panfleto da exposição "Lutar, Ocupar, Resistir" e destaque para quadro com as instituições envolvidas. Fontes: (13) Studio-X Global; (14 e 15) Studio-X Rio (modificado).

Com relação às atividades desenvolvidas no intercâmbio entre UFBA e UCL, estas se assemelham ao que a própria *University College* e outras universidades desenvolvem tradicionalmente como cursos de verão (*Summer Schools*), um modelo de atuação

especialmente caro à The Bartlett[12]. Em geral, estas atividades não precisam de apoio financeiro complementar, como é o caso do estudo de caso em questão, por se tratar de um componente cujo custo está incluído nas inscrições ou anuidades dos programas. Estamos tratando, aqui, de um formato mais tradicional, que está centrado na realização de oficinas de projeto, mas que parece garantir o espaço mais livre para o enfretamento crítico, para a constituição de pautas mais abertas, menos instrumentalizadas pelos agentes financiadores e mais aberta a uma construção, de fato, coletiva, onde os moradores e outros agentes mais vulneráveis não sejam tratados tão simplesmente como "objeto de estudo" ou de investigação. A questão da governança não deixa de ser importante, neste caso, por se tratar de uma situação acadêmica tradicional, sem a presença do financiamento complementar de empresas ou corporações, como se vê nos outros estudos de caso. A visada crítica é igualmente necessária para questionar as pautas e soluções apresentadas pelas equipes de professores, pesquisadores e outros profissionais envolvidos aos movimentos sociais. Cabe interrogar se elas estariam reproduzindo acriticamente uma pauta global, por mais que seja pretensamente progressista, dirigida *a priori* pelas agências internacionais de ajuda humanitária, financiadas pelo capital filantrópico.

CONSIDERAÇÕES LIMINARES

Parte da motivação para a pesquisa que originou "O Novo Espírito do Capitalismo" veio da observação de que, apesar da consolidação das redes e do mundo conexionista em todos os estratos – do senso comum aos marcos teóricos – não existia qualquer obra que tivesse por objetivo "estabelecer a possibilidade de um mundo harmonioso e justo baseado na rede". De acordo com o próprio Boltanski, em entrevista, tratava-se de uma obra, no fundo, reformista: "Apresentava a 'cidade por projetos' como um novo tipo de boia de salvação que dava ao capitalismo contemporâneo a possibilidade de não terminar com a exploração, mas de se reformar relativamente." (BOLTANSKI et al, 2014, p. 186; 227). As fontes de indignação, no entanto, parecem hoje tão mais relevante do que no momento da publicação do livro. Assim comenta Ève Chiapello, no prefácio da segunda edição inglesa:

> […] Rather than a change of regime, we have witnessed further enslavement of economic agents to the requirement of returns on capital. It became evident that critical forces were incapable of introducing a balance of power that would enable them to be taken into consideration. (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2017, p. XVIII)

A prevalência da crítica estética sobre a crítica social, apontada por Boltanski e Chiapello (2009), mostra-se, com efeito, quando se esboça uma primeira reflexão sobre os

[12] Credita-se à Bartlett as primeiras experiências com *Summer Schools* voltadas tanto para cursos de Arquitetura, no começo dos anos 1970 (em parceria com a Architectural Association, então dirigida por Alvin Boyarsky), quanto para os estudos urbanos e do ambiente construído, na organização das 17 edições da Bartlett International Summer School (BISS), iniciadas em 1979 (MARICATO, 2011). Tanto a Bartlett quanto a AA aspiravam a um alcance internacional e se fazem valer ainda hoje desse marco histórico para marcar sua distinção. O interesse de ambas as instituições pela "Arquitetura Tropical" e pelo então chamado "Terceiro Mundo" está na origem do que viria a se tornar, mais tarde, o Development Planning Unit (DPU) da Bartlett School (WAKELY, 1983; WAKELY, LEVY e YEP, 2014).

projetos analisados neste artigo. A crítica, no seu sentido mais combativo e radical, com potencial transformador, parece em estado de suspensão, possível apenas como uma potencial de estetização do ativismo. As envolvidas e envolvidos nestas atividades, mesmo quando se empenham em lançar uma perspectiva reservada sobre o campo do Urbanismo, parecem embaraçadas entre certo oportunismo, que reconhece as limitações da situação atual, mas busca orientar-se dentro de uma perspectiva progressista, e um oportunismo cínico e pragmático, que adota o vocabulário, as pautas e o comportamento geral do mundo empresarial.

Ainda em "O Novo Espírito…", os autores acentuam as "novas formas de opressão" que podem acompanhar a formação da Cidade por Projetos. As fontes de indignação para este artigo, poder-se-ia dizer, estão em questionar a pretensa anulação de fronteiras e hierarquias no trabalho em rede. As atividades de colaboração entre universidades estrangeiras de grande porte junto a instituições e à sociedade civil no Brasil pressupõe uma relação de forças que não pode ser considerada *a priori* como sendo harmoniosa e equilibrada.

Não se questiona, em absoluto, as virtuosidades das colaborações acadêmicas e das oficinas de projeto voltadas para comunidades em situação de vulnerabilidade. Seja no caso daquelas mais orientadas para o (re)ordenamento físico de assentamentos informais, quanto em outros, cujo foco é a dimensão da organização comunitária e política, elas representam uma oportunidade de dar visibilidade às demandas de comunidades pobres e de garantir acesso aos serviços de uma consultoria que, de outro modo, seria quase inviável ou muito demorada. Estejam ou não presentes as figuras de empresas do setor privado, cabe discutir qual o papel destas consultorias, por assim dizer, e dos consultores. Interessa questionar o quão realmente ligadas à experiência prática elas se mostram; avaliar se realmente "aprende-se com" – para usar o chavão de uma experiência paradigmática no campo do ensino de Arquitetura e Urbanismo[13] – antes de retornar ao país de origem para então lançar-se à nova atividade em tela.

Na *Cidade por Projetos*, as consultorias são tanto mais interessantes aos consultores quanto mais genéricas e replicáveis elas forem – o caráter adaptável e flexível é o elemento que lhe garante empregabilidade para buscar a criação de novos vínculos, novos projetos. Em termos mais diretos, interessa avaliar as contribuições destas experiências de colaboração institucional para *os que ficam* e quais os potenciais conflitos de interesses entre os agentes envolvidos: o público alvo ou comunidades atendidas pela atividade; os profissionais envolvidos; e as instituições que promovem e/ ou financiam as atividades. Acredita-se que a escuta atenta de todos os agentes envolvidos, conferindo-lhes igual legitimidade, permite não recorrer a formulações prontas, sem resumir-se a teorias que só veem "violência, relações de forças, exploração, dominação e conflitos de interesses" (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 61).

É imperativo, atualmente, lidar com a pluralidade de possibilidades e de referências para enfrentar a dimensão do ensino de Arquitetura e Urbanismo – assim, a rapidez com que

[13] Refere-se aqui às experiências dos *Design Studios* conduzidos por Denise Scott Brown, Robert Venturi e Steven Izenour em Yale, entre os anos 1960-70, em que se estudaram os fenômenos da cidade na beira da estrada, a partir de Las Vegas, e a paisagem residencial habitada por famílias de classes de renda média, a partir das Levittowns.

circulam as informações e a facilidade de acesso a elas para a maior parte dos estudantes, mesmo estando em circuitos afastados das grandes metrópoles, deve ser considerada. O mesmo se vê em grandes centros globais, onde estudantes se matriculam em escolas menos interessados na cultura arquitetônica local e mais nas possibilidades de se inserirem em uma rede global (ALLEN, 2012, p. 229).

> [...] What is required to comprehend globalism today are not tired generalizations, but close study of specific places, cities and cultures. It is worth remembering that architecture remains rooted to place, even in an age celebrated for global culture; what circulates are images, ideas, expertise and architects themselves. [...] (ALLEN, 2012, p. 229)

Permitindo-se alguma generalização, se o modelo *Project on the City* desenvolvido por Rem Koolhaas na GSD, não foi a experiência inaugural dos ateliês de projeto que se entendem como pesquisa aplicada, ao menos potencializou e deu grande visibilidade a certa postura intelectual e política do profissional que sabe lidar com as oportunidades oferecidas pelo grande mercado, como um surfista[14]. A cidade-mundo é um grande laboratório, lugar das oportunidades e da execução de projetos – resolvidos com agilidade e com a sublimação da crítica. O que se espera construir, em vez disso, é uma postura de engajamento crítico, que não implique em reduzir-se às platitudes dos discursos e práticas de centros de ensino e pesquisa ditos de excelência.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? In: AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

ALLEN, Stan. The future that is now, 1990-2012. (202-229). In: OCKMAN, Joan (Ed.). *Architecture school:* three centuries of educating architects in North America. Cambridge; Londres: The MIT Press, 2012.

ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Erminia. *A cidade do pensamento único:* desmanchando consensos. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BERNHEIM, Carlos Tünnerman; CHAUÍ, Marilena de Souza. *Desafios da universidade na sociedade do conhecimento*. Brasília: UNESCO, 2008. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001344/134422por.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2018.

[14] Koolhaas faz menção à metáfora do arquiteto (e do intelectual) como um "surfista" nas ondas da modernização e do mercado em diversas situações, sobretudo nas páginas do monumental "S, M, L, XL" (1994). Esta continua sendo uma grande referência, ao menos para as experiências em Harvard, apesar das críticas que se seguiram à edição do *Project on the City* em Lagos, na Nigéria. Esta referência pareceu evidente na palestra do prof. Gareth Doherty na Faculdade de Arquitetura da UFBA, em 2017, intitulada "Ecological Urbanism in Practice", ocasião em que apresentou a segunda edição do livro "Ecological Urbanism" e a experiência do projeto *Sustainable Exuma*, desenvolvida pelo Office for Urbanization da GSD.

BHATIA, Neeraj; CASPER, Mary (Ed.). *The Petropolis of tomorrow*. Barcelona: Actar, 2013.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. *Le nouvel esprit du capitalisme*. 2. ed. Paris: Gallimard, 2011.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. *The new spirit of capitalism*. 2. ed. Londres; Nova Iorque: Verso, 2017.

BOLTANSKI, Luc; THÉVENOT, Laurent. *De la justification:* les économies de la grandeur. Paris: Gallimard, 1991.

BOLTANSKI et al. Uma crítica para o presente: entrevista com Luc Boltanski. *Plural:* Revista de Ciências Sociais, São Paulo, v. 21, n. 1, 217-229, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/plural/article/viewFile/83629/86559>. Acesso em: 27 nov. 2017.

BOURDIEU, Pierre. The specifity of the scientific field and social conditions of the progress of reason. *Social Science Information*, Paris; Londres, v. 14, n. 6, 19-47, 1975.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. (122-155). In: ORTIZ, Renato (Org.). *Bourdieu:* Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, Pierre. The social conditions of the international circulation of ideas. (220-228). In: SHUSTERMAN, Richard (Ed.). *Bourdieu:* a critical reader. Oxford: Blackwell, 1999.

BRILLEMBOURG, Alfredo et al (Org.). *São Paulo Projetos de Urbanização de Favelas = São Paulo Architecture Experiment*. São Paulo: HABI – Superintendência de Habitação Popular/ Secretaria Municipal de Habitação, 2010.

BRILLEMBOURG, Alfredo; KLUMPNER, Hubert. The São Paulo Architecture Experiment = Experiências arquitetônicas em São Paulo. (6-8). In: BRILLEMBOURG, Alfredo et al (Org.). *São Paulo Projetos de Urbanização de Favelas = São Paulo Architecture Experiment*. São Paulo: HABI – Superintendência de Habitação Popular/ Secretaria Municipal de Habitação, 2010.

BROWNING, Gavin (Ed.). *The Studio-X guide to liberating new forms of conversation*. Nova Iorque: GSAPP Books, 2010.

CASTELLS, Manuel. The university system: engine of development in the new world economy. (65-80). In: RANSON, Angela; KHOO, Siew-Mun; SELVARATNAM, Viswanathan. *Improving higher education in developing countries*. Washington: The World Bank, 1994.

CASTELLS, Manuel. *A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, 1:* a sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

CORREA, Felipe. Appendix: Water Urbanisms: a visual illustration. (278-289). In: SCHNEIER-MADANES, Graciela. *Globalized water:* a question of governance. Dordrecht: Springer, 2014.

CORREA, Felipe. *Beyond the city:* resource extraction urbanism in South America. Austin: University of Texas Press, 2016.

FERNANDES, Ana; FIGUEIREDO, Glória Cecília dos Santos; ESPINOZA, José Carlos Huapaya (Ed.). *Práticas coletivas e o direito à cidade em Salvador, Bahia*. Salvador: UFBA; PPGAU-FAUFBA, 2016.

FERNANDES, Ana et al (Ed.). *Collective Practices, Instruments for Collective Action and the Right to the City in Salvador, Bahia = Práticas Coletivas, Instrumentos para a Ação [Coletiva] e o Direito à Cidade em Salvador, Bahia*. Londres: UCL; The Bartlett-DPU; Salvador: UFBA; PPGAU-FAUFBA, 2018.

FRANÇA, Elisabete. O urbanismo das ideias no lugar = The urbanism of the in-place ideas. (19-29). In: FRANÇA, Elisabete; COSTA, Keila Prado (Org.). *O urbanismo nas preexistências territoriais e o compartilhamento de ideias = Urbanism within pre-existent territories and the sharing of ideas*. São Paulo: HABI – Superintendência de Habitação Popular, 2012.

HOCHMAN, Gilberto. A ciência entre a comunidade e o mercado: leituras de Kuhn, Bourdieu, Latour e Knorr-Cetina. (199-231; 256-257). In: PORTOCARRERO, Vera (Org.). *Filosofia, História e Sociologia das Ciências I:* abordagens contemporâneas. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1994. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/rnn6q/pdf/portocarrero-9788575414095.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2018.

LIMA JUNIOR, Pedro de Novais. *Uma estratégia chamada 'planejamento estratégico':* deslocamentos espaciais e atribuições de sentido na teoria do planejamento urbano. 2003. 270 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional)-Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

MARICATO, Erminia. Formação e impasse do pensamento crítico sobre a cidade periférica. (99-169). In: MARICATO, Erminia. *O impasse da política urbana no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2011.

MERTON, Robert. The normative structure of science. (267-278). In: MERTON, Robert; STORER, Norman (Ed.). *The sociology of science:* theoretical and empirical investigations. Chicago: University of Chicago Press, 1973.

PANIZZI, Wrana. A universidade pública em debate no cenário internacional. *RBEUR:* Revista de Estudos Urbanos e Regionais, São Paulo, v. 4, n. 1-2, 17-23, mai./nov. 2002. Disponível em: <http://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/71/55>. Acesso em: 7 jul. 2018.

PEDROTTI, Gabriel. Studio-X Rio se despede do Rio de Janeiro. *Archdaily*, 26 set. 2017. Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/880361/studio-x-rio-se-despede-do-rio-de-janeiro>. Acesso em: 13 mar. 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice:* o social e o político na pós-modernidade. 7. ed. Porto: Afrontamento, 1999.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A universidade no século XXI:* para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010

SILVETTI, Jorge. Collaborations between a school and a continent [Entrevista]. *Harvard Design Magazine*, Cambridge, n. 34, 200-209, Fall/Winter 2011.

STALLIVIERI, Luciane. Compreendendo a internacionalização da educação superior. *Revista de Educação do Cogeime*, São Paulo, ano 26, n. 50, jan./jun. 2017.

WALDHEIM, Charles; INGALLS, Julia. Come rain or shine: reviving collective urban form with the GSD's Office for Urbanization. *Archinect*. Features, September 16th, 2016. Disponível em: <https://archinect.com/features/article/149964898/come-rain-or-shine-reviving-collective-urban-form-with-the-gsd-s-office-for-urbanization>. Acesso em: 30 jun. 2018.

WAKELY, Patrick. The development of a school: an account of the Department of Development and Tropical Studies of the Architectural Association. *Habitat International*, Oxford, v. 7, n. 5-6, 337-346, 1983.

WAKELY, Patrick; LEVY, Cren; YEP, Christopher. *Sixty years of urban development:* a short history of the Development Planning Unit. Londres: UCL; The Bartlett-DPU, 2014.

WIGLEY, Mark. Network fever. *Grey Room*, Cambridge, n. 4, 82-122, Summer 2001.

WIGLEY, Mark. The architectural brain. (30- 52). In: BURKE, Anthony; TIERNEY, Theresa (Ed.). *Network practices:* new strategies in architecture and design. Nova Iorque: Princeton Architectural Press, 2007.

WIGLEY, Mark; CHEN, Michael. Mark Wigley [Entrevista]. *Surface Magazine*, Nova Iorque, n. 108, 152-157, May 2014.